

# Cotidianos, escolas e patrimônio

Percepções  
antropourbanísticas  
da capital do Brasil

Cristina Patriota de Moura  
Elane Ribeiro Peixoto  
Maria Fernanda Derntl  
(organizadoras)

EDITORA



UnB



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Fernando César Lima Leite  
: Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende  
: Carlos José Souza de Alvarenga  
: Estevão Chaves de Rezende Martins  
: Flávia Millena Biroli Tokarski  
: Jorge Madeira Nogueira  
: Maria Lidia Bueno Fernandes  
: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos  
: Sely Maria de Souza Costa  
: Verônica Moreira Amado

EDITORA



UnB

# Cotidianos, escolas e patrimônio

Percepções  
antropourbanísticas  
da capital do Brasil

Cristina Patriota de Moura  
Elane Ribeiro Peixoto  
Maria Fernanda Derntl  
(organizadoras)



Pesquisa,  
Inovação  
& Ousadia

**Equipe editorial**  
: Luciana Lins Camello Galvão  
: **Coordenação de produção editorial** : Angela Gasperin Martinazzo  
: **Preparação e revisão** : Wladimir de Andrade Oliveira  
: **Projeto gráfico** : Haroldo Brito  
: **Diagramação**  
: © 2020 Editora Universidade de Brasília  
: Direitos exclusivos para esta edição:  
: Editora Universidade de Brasília  
: SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,  
: 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF  
: Telefone: (61) 3035-4200  
: Site: www.editora.unb.br  
: E-mail: contatoeditora@unb.br  
: Todos os direitos reservados. Nenhuma parte  
: desta publicação poderá ser armazenada ou  
: reproduzida por qualquer meio sem a autorização  
: por escrito da Editora.  
: Esta obra foi publicada com recursos provenientes do  
: Edital DPI/DPG nº 3/2019.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

---

C844 Cotidianos, escolas e patrimônio : percepções antropourbanísticas da capital do Brasil / Cristina Patriota de Moura, Elane Ribeiro Peixoto, Maria Fernanda Derntl (organizadoras). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.  
204 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-010-7

1. Distrito Federal (Brasil). 2. Espaços públicos. 3. Cotidianos escolares. 4. Patrimônio cultural. I. Moura, Cristina Patriota de (org.). II. Peixoto, Elane Ribeiro (org.). III. Derntl, Maria Fernanda (org.). IV. Série.

CDU 39:72(817.4)


---



# Créditos e agradecimentos

Apresentamos, neste livro, os primeiros resultados de pesquisa desenvolvida por membros de dois laboratórios de pesquisa da Universidade de Brasília (UnB) – o Labeurbe (Laboratório de Estudos da Urbe) e o Laviver (Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas: Direitos, Políticas e Estilos de Vida), respectivamente vinculados à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e ao Departamento de Antropologia da UnB. O Labeurbe e o Laviver estabeleceram essa colaboração visando compreender os cotidianos de moradores de diferentes regiões administrativas do Distrito Federal e os significados desses cotidianos para a configuração metropolitana da capital federal.

Para a realização da pesquisa, contamos com o financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) para o projeto intitulado “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas da capital do Brasil”, agraciado por meio do Edital nº 3/2016. Também obtivemos o apoio da Capes por meio do Edital Capes-PrInt, que nos possibilitou ampliar o diálogo em colaboração com o pesquisador Alan Mabin, da Universidade de Witswatersrand, África do Sul, e discutir parte dos resultados em evento da Red Internacional de Etnografía con Niños e Niñas (RIENN) na Western Oregon University, em maio de 2019. Agradecemos também ao CNPq, que possibilitou a realização



de parcelas significativas da pesquisa por meio de bolsas de mestrado e doutorado concedidas a autores de capítulos do livro.

Somos gratas a colegas que participaram da elaboração do projeto inicial, em especial a Antonádia Borges, e a todas as estudantes que, apesar de não constarem como autoras de capítulos deste livro, contribuíram com a pesquisa em diferentes momentos: Stéfane Cryslaine Alves Guimarães, Raíssa Menezes de Oliveira, Joyce Helen Neves da Silva e Carolina Holanda Castor.

Também agradecemos especialmente à direção, coordenação, professores, estudantes, funcionários, pais e mães das “comunidades escolares” dos Centros de Ensino Fundamental CEF 19, em Ceilândia, e CEF 02, no Plano Piloto, com quem esperamos continuar colaborando para possibilitar maior integração entre as escolas, suas vizinhanças, as áreas reconhecidas como patrimônio material e a metrópole em que se transformou a capital do Brasil.

*Cristina Patriota de Moura*

*Elane Ribeiro Peixoto*

*Maria Fernanda Derntl*

# Sumário

## Introdução

### **Cotidianos, escolas e patrimônio: percursos de pesquisa 9**

Cristina Patriota de Moura

Elane Ribeiro Peixoto

Maria Fernanda Derntl

## Capítulo 1

### **História, memória e patrimônio de Brasília: escolas em unidades de vizinhança 27**

Maria Fernanda Derntl

1.1 Unidades de vizinhança: trajetórias de um conceito **28**

1.2 Plano Piloto e Plano Escolar: vínculos e articulações **33**

1.3 Outros planos: do núcleo traçado por Lucio Costa às propostas de organização do território **37**

1.4 Os planos urbanísticos para as cidades-satélites: a unidade de vizinhança reformulada **40**

1.5 História e memória entrelaçadas: dos discursos fundadores aos depoimentos de moradores de cidades-satélites **44**

## Capítulo 2

### **A Unidade de Vizinhança nº 1 e as escalas relevantes do patrimônio 59**

Cristina Patriota de Moura

Vinicius Prado Januzzi

2.1 Um relato de campo **60**

2.2 As múltiplas escalas da cidade **62**

2.3 Considerações finais **82**

### Capítulo 3

#### **Espaços públicos e vida cotidiana na Unidade de Vizinhança nº 1 87**

Vinicius Prado Januzzi  
Alexandre Jackson Chan Vianna

- 3.1 Introdução **88**
- 3.2 O cotidiano da Unidade de Vizinhança nº 1 **89**
- 3.3 Trânsitos na Unidade de Vizinhança nº 1 **105**
- 3.4 Considerações finais **110**

### Capítulo 4

#### **Arte e cidade em escolas de ensino fundamental 117**

Elane Ribeiro Peixoto  
Julia Mazutti Bastian Solé

- 4.1 O portão aberto **117**
- 4.2 O CEF 19 **120**
- 4.3 A turma da Vânia **124**
- 4.4 Alberto Caeiro a nos guiar **127**
- 4.5 A minha cidade é mesmo bonita **144**

### Capítulo 5

#### **Transformações morfológicas de Ceilândia 153**

Elane Ribeiro Peixoto  
Alana Silva Waldvogel

- 5.1 Ceilândia no tempo **159**
- 5.2 O plano da cidade e suas primeiras ocupações **161**
- 5.3 As casas da Shis **170**
- 5.4 Considerações sobre as transformações morfológicas de Ceilândia **174**
- 5.5 Ceilândia no âmbito de uma discussão patrimonial **181**

### Capítulo 6

#### **Nexos e horizontes da pesquisa 187**

Cristina Patriota de Moura  
Elane Ribeiro Peixoto  
Maria Fernanda Derntl

#### **Sobre as autoras e os autores 199**





# 2

Capítulo 2

## A Unidade de Vizinhança nº 1 e as escalas relevantes do patrimônio

Cristina Patriota de Moura  
Vinicius Prado Januzzi

Este capítulo dialoga com trabalho realizado junto a professoras e estudantes de Centro de Ensino Fundamental localizado na Asa Sul de Brasília, no âmbito da pesquisa “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas da capital do Brasil”. Além do acompanhamento por uma equipe coordenada pela autora, ligada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília (UnB), as reflexões aqui trazidas também são derivadas de observações prolongadas na região, que já renderam ao menos uma monografia acerca da questão patrimonial

(VASCONCELOS, 2013) e serviram de temática para diversos trabalhos de estudantes de graduação e pós-graduação no âmbito da disciplina Antropologia Urbana, desde 2012. A primeira seção traz um relato pessoal da própria autora, que é também moradora dos arredores da chamada Unidade de Vizinhança nº 1 do Plano Piloto de Brasília há mais de uma década. O objetivo de iniciar com o relato de cunho pessoal, em exercício de certa forma autoetnográfico (ELLIS; BOCHNER, 2000), está em trazer à tona o contraste de experiências encontrado na pesquisa de campo realizada ao longo do ano de 2018. A intenção é refletir acerca das relevâncias que as escalas urbanas exercem em diferentes vivências de uma área em que se concentram múltiplos investimentos materiais e simbólicos, coadunadas a concepções que se encontram no cerne da legitimação de Brasília como patrimônio da humanidade. Como a própria existência da Unidade é fruto de intensas teorizações e proposições no âmbito da arquitetura e urbanismo e a área já foi exaustivamente mapeada e representada do ponto de vista de sua centralidade exemplar para a valorização patrimonial,<sup>1</sup> decidi-se enfatizar aqui a dimensão das táticas e vivências cotidianas, com foco em experiências que envolvem estudantes do ensino fundamental.

## 2.1 Um relato de campo

Brasília, novembro de 2018.<sup>2</sup>

Saio de casa pouco depois das sete horas da manhã de uma terça-feira de novembro. Vou levar meu filho de dez anos à escola, situada na L2 norte, próximo à universidade em que trabalho. A escola de ensino fundamental e a universidade ficam a pouco mais de cinco quilômetros do apartamento em que moramos, em um bloco de superquadra da Asa Sul do Plano Piloto de Brasília. Todos os dias faço esse percurso de carro, mas em geral também vou até o final da L2 sul para levar o filho mais velho à escola de ensino médio em que cursa a terceira série.

---

<sup>1</sup> Ver o Capítulo 1.

<sup>2</sup> Excerto de diário de campo de Cristina Patriota de Moura.

Como a grande maioria das crianças e adolescentes da quadra em que moramos, meus filhos estudam em escolas particulares, pertencentes a redes de ensino de escopo nacional, e se deslocam em automóvel. As outras opções são transportes escolares em vans com contratos de pagamento mensal, ou trajetos esporádicos de Uber e bicicleta (no caso do mais velho). Em raras ocasiões, o mais velho se desloca em ônibus de uso público coletivo. O mais novo jamais foi à escola em ônibus “de linha”. Nesta terça-feira, levo somente o mais novo, mas antes preciso passar em outra escola para deixar um envelope com solicitações de autorização de uso de imagem para a professora com quem colaboramos na pesquisa *Cotidianos Metropolitanos e Cotidianos Escolares da capital do Brasil*.

Fazemos uma breve parada em frente a essa escola, localizada bem no centro de uma outra superquadra muito próxima à nossa. As aulas do dia ainda não começaram e há dezenas de crianças e adolescentes entre 11 e 14 anos em frente ao portão, conversando, chegando a pé sozinhos ou em pequenos grupos, sentados no pátio externo com seus celulares em punho ou simplesmente entrando na escola, que já está aberta. Meu filho fica no carro estacionado em frente a um bloco de apartamentos adjacente à escola e vou rapidamente deixar o envelope com a guarda que, como sempre, está sentada atrás de uma escrivinha colocada na entrada do prédio escolar. Deixo o envelope para a professora, que ainda não chegou, e volto ao carro estacionado, passando por diversas crianças que vestem calças jeans e a camiseta de uniforme do Centro de Ensino Fundamental gerido pela Secretaria de Educação do Distrito Federal. Ao chegar ao carro, vejo uma menina que deve ter a mesma idade do meu filho, ou talvez chegue a ter a idade dos estudantes mais novos da escola da qual acabo de sair. Ela está com o uniforme completo, calça de nylon e camiseta, ambas com a logomarca de uma escola particular vizinha à minha quadra. A menina vem acompanhada de um homem adulto que presumo ser seu pai: eles acabam de sair pelas portas de vidro da portaria do bloco e entram em um carro vermelho, motor 1.6, de fabricação recente. Também entro em meu automóvel e sigo o percurso de todos os dias.

## 2.2 As múltiplas escalas da cidade

O breve relato anterior poderia ter sido escrito por milhares de pessoas que passam diariamente pelas superquadras do Plano Piloto de Brasília. A cena matutina é um lugar-comum nas asas da cidade-monumento cuja forma se assemelha à de um avião: crianças passando por entre os pilotis dos blocos suspensos, caminhando dos pontos de ônibus dos eixos rodoviários até as escolas públicas de ensino fundamental situadas no interior das superquadras; carros entrando e saindo de estacionamentos e garagens dos blocos em direção aos eixos rodoviários norte e sul, e avenidas localizadas a leste (L2) e oeste (W3); crianças moradoras das superquadras entrando em carros com pais e mães que os levam a escolas particulares em outras partes do Plano Piloto. Também é possível vislumbrar habitantes locais passeando com cachorros, diversos tipos de trabalhadores atravessando as calçadas por entre as árvores para chegar a residências, escolas, clínicas e estabelecimentos comerciais “bem-localizados” na área central de Brasília.

A escola está situada em superquadra que compõe a Unidade de Vizinhança nº 1, primeira área residencial planejada dentro do projeto urbanístico pensado para instaurar um novo modo de vida na capital inaugurada em 1960. Articulado quatro superquadras e com sobreposições que permitiriam que cada quadra participasse de duas unidades ao mesmo tempo, as áreas ou unidades de vizinhança conteriam elementos de três das quatro escalas pensadas para o Plano Piloto de Brasília: as escalas residencial, bucólica e gregária. A quarta escala, a monumental, estaria reservada ao corpo do avião, no qual se situam as imponentes edificações destinadas à administração pública federal. A essas quatro escalas que informam a concepção do projeto urbanístico de Brasília chamaremos aqui de escalas qualitativas, uma vez que são definidas por meio de aspectos ou qualidades atribuídas à vida urbana proposta para a capital brasileira. Assim, as escalas qualitativas de Lucio Costa, cristalizadas pelo tombamento do conjunto urbanístico da capital, são a monumental, a gregária, a bucólica e a residencial.

As escalas que aqui denominamos qualitativas se coadunam com diferentes concepções urbanísticas, como os modelos funcionalistas franceses e as propostas de cidades-jardim desenvolvidas na Inglaterra e Estados Unidos desde o final do século XIX, conforme detalhado em outros capítulos deste livro. Essas escalas qualitativas se distinguem das escalas quantitativas, que relacionam tamanhos e distâncias a partir de unidades de medida empregadas. Além de concepções que envolvem especializações de setores articulados à totalidade urbana como parâmetro de planejamento modernista, encontramos diferentes proposições que operam segundo métricas quantificáveis, como as proporcionalidades de mapas e cálculos feitos para construção de maquetes e edifícios, calçadas e avenidas. Para além das escalas calculadas das edificações e obras de infraestrutura, há as escalas administrativas calçadas na territorialização geográfica e as referências compartilhadas pelos sujeitos em suas vidas cotidianas como as áreas de vizinhança, bairros, setores, regiões administrativas e cidades.

As dimensões urbanas, seja no sentido quantitativo ou qualitativo, são produtos de processos históricos que envolvem diferentes atores relacionados em redes que produzem múltiplos agregados sociais. Para pensar as diferentes vivências cotidianas em meio às escalas projetadas para compor a Unidade de Vizinhança nº 1 do Plano Piloto de Brasília, procuramos perceber como eram acionados diferentes sentidos e escalonamentos em nosso contato com as atividades desenvolvidas no âmbito da oficina com estudantes. Para tal, as reflexões de Bruno Latour acerca da cidade de Paris serviram de inspiração tanto para pensar os processos de escalonamento envolvidos nas atividades didáticas das quais participamos quanto para refletir acerca das totalizações produzidas com maior ou menor sucesso para perpetuar vínculos entre diferentes sujeitos e o patrimônio da cidade.

O texto transcrito a seguir a faz parte de artigo no qual Bruno Latour discorre sobre o que chama de “plasma”.<sup>3</sup> O pequeno texto traduzido

---

<sup>3</sup> Definido pelo autor como “espaço – mas não é um espaço – no qual repousam – mas não há repouso – as circulações diversas de totalizações e de participações, aguardando

para o português se vincula à obra multimídia, disponível em inglês, francês, italiano e castelhano, em que Latour nos apresenta a cidade de Paris de forma inovadora, compatível com os preceitos de sua Teoria Ator-Rede (LATOURE; HERMANT, 1998; LATOUR, 2005).

A estátua alegórica de Paris, se ela representa bem “Paris inteira”, situa-se simplesmente em um cruzamento e não ocupa “mais espaço” que a de Balzac no Boulevard Raspail ou a da República na praça de mesmo nome. Assim como o mapa não é o território, mas se situa no território, no qual ela acelera ou facilita certos deslocamentos; assim como a lista telefônica não é “Paris toda”, mas dela faz parte ao assinalar os endereços, da mesma maneira as fórmulas totalizantes que tomam Paris “como um todo” circulam, também elas, por Paris, à qual acrescentam, por assim dizer, seus *fragmentos de totalização*. (LATOURE, 2009, p. 5).

Latour nos mostra, por exemplo, que apesar das reiteradas tentativas de totalizar Paris em quadros panorâmicos, como o painel que circunda a cobertura da loja de departamentos La Samaritaine, esses esforços de totalização são sempre ilusórios, na medida em que é possível ver aspectos selecionados, como no caso dos telhados das construções em uma vista aérea, dos endereços de uma lista telefônica ou das fotografias “defasadas” acessíveis pelo Google Earth. O autor chama atenção, então, para a relevância de estudarmos os próprios processos de totalização como práticas que circulam e produzem efeitos ao informarem, por exemplo, políticas públicas. Não se trata, portanto, de negar a eficácia dos processos de totalização empreendidos com a criação de monumentos, mapas e “vistas panorâmicas”, mas de perceber que a própria totalização é derivada de movimentos de composição<sup>4</sup>

---

a explicitação e composição.” (LATOURE, 2009, p. 6). Os termos de Latour podem parecer um tanto esotéricos e vagos, mas proponho pensar nossa experiência na oficina a partir de reflexões análogas.

<sup>4</sup> Em outras ocasiões, uma das autoras teve a oportunidade de dialogar com algumas das propostas de Latour, principalmente em relação à noção de “composição”,

sequencial, ainda que as etapas da sequência de composição tenham sido apagadas ao longo do percurso.

Latour propõe que, em vez de acreditarmos na proposta moderna da possibilidade de tudo ver por meio do panóptico, como indicado por Foucault (1987), utilizemos o termo “oligóptico” para designar os efeitos produzidos por artefatos como fotografias de *drones* e satélites, listas telefônicas, bancos de dados, mapas e maquetes. Como veremos no relato a respeito da oficina que acompanhamos no primeiro semestre de 2018, mesmo que o oligóptico almejado para a maquete da quadra modelo jamais pudesse de fato ser um panóptico, o desenrolar dos acontecimentos envolvendo a oficina-projeto impossibilitou a própria reprodução da representação totalizante, tão cara à concepção funcionalista da cidade modernista.

Na trilha das considerações de Latour ao propor a noção de oligóptico, a questão que se coloca aqui é a de pensar as relevâncias acionadas nos próprios processos envolvidos nos dimensionamentos, escalonamentos e representações pictográficas com as quais nos relacionamos na vida cotidiana. No caso do trabalho realizado nessa área, que condensa e amalgama fortes significados na produção de centralidade em Brasília, a perspectiva proposta por Latour nos foi de grande valia.

De março a junho de 2018, nossa equipe de pesquisa participou da oficina chamada *Maquete Brasília*, oferecida por duas professoras da escola localizada em uma das superquadras mais antigas de Brasília, a 107 sul. A proposta da oficina, que se reunia por duas horas toda segunda-feira à tarde e teve 12 alunos matriculados, era de que os alunos aprendessem sobre o valor arquitetônico de Brasília como um patrimônio mundial reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), especialmente por meio da

---

também vinculada à de “agenciamento”, proposta por Deleuze e Guattari e transformada com a de “*assemblage*” proposta em obras como a de Saskia Sassen e Manuel Delanda (PATRIOTA DE MOURA, 2010). Trata-se, entre outras coisas, de tentativa de romper com concepções funcionalistas que postulam totalidades e noções de escalas concêntricas que pensam “o social” como análogo a bonecas russas, em que o menor elemento estaria sempre incluído em círculos mais abrangentes, com fronteiras definidas.

“quadra modelo” que fica em frente à sua escola, a superquadra 308 sul. As professoras Clara Rosa Gomes e Janaína Coutinho planejaram diversas atividades, que incluíam caminhadas ao longo da região, bem como uma visita ao Cine Brasília (também a uma curta distância da escola) e viagens de ônibus para o corpo do avião, em que a “escala monumental” é materializada por meio de grandes espaços abertos e imponentes edifícios do governo federal.

Ao acompanhar as atividades da oficina, nossos interesses etnográficos e antropológicos consistiam em apreender a percepção das crianças/adolescentes sobre a cidade e a unidade de vizinhança, bem como as maneiras pelas quais fazem sentido de seus deslocamentos diários de casa para a escola e vice-versa. O interesse das professoras era, principalmente, ensinar às crianças o valor do patrimônio histórico e artístico do conceito de superquadra e das construções do Plano Piloto de Brasília, além de fabricar uma maquete de papelão, em escala reduzida e esteticamente agradável, da “quadra modelo” (308 sul).

Os interesses das crianças, como depois pudemos perceber, consistiam em passar o tempo da maneira mais agradável possível, interagindo com os colegas e conosco, e “andando” o máximo que pudessem, indo além dos muros e portões da escola. Apesar dos diferentes interesses em aprender, ensinar e se movimentar, consideramos a participação na oficina uma boa oportunidade para construir relacionamentos com professores, estudantes e outros membros da chamada comunidade escolar. O conceito de comunidade escolar, utilizado no projeto político-pedagógico desta e de outras escolas, era percebido como problemático por professores e gestores da escola, uma vez que havia grande dispersão geográfica das residências de estudantes e suas famílias, e enorme dificuldade de agregar a participação dos responsáveis em ações em prol da escola. Existia uma evidente disjunção entre a suposta comunidade escolar e a vizinhança, já que os residentes da superquadra não eram membros da comunidade escolar. Essa disjunção nos foi narrada repetidamente, em tom de lamento, por membros da coordenação e do corpo docente da escola, que comparavam a situação atual à de outras



gerações, quando o corpo discente era composto majoritariamente por filhos de servidores públicos residentes nas superquadras próximas.

A partir de levantamento feito junto à secretaria da escola, pudemos constatar que poucos estudantes residiam no Plano Piloto ou mesmo nas áreas adjacentes que constituem a Primeira Região Administrativa do Distrito Federal. No grupo que acompanhamos mais diretamente, apenas um aluno morava na Unidade de Vizinhança em que a escola está localizada. Não surpreende que, na primeira caminhada que fizemos à vizinha “quadra modelo”, como é designada a SQS 308, o que chamou a atenção dos meninos e meninas, além dos peixes do laguinho em frente a um prédio de apartamentos, foi o mapa do Distrito Federal, localizado na praça em frente à primeira igreja de Brasília, projetada por Oscar Niemeyer.

**Figura 1:** “Igrejinha” Nossa Senhora de Fátima, vista da entrada da SQS 107



Foto: Cristina Patriota de Moura, 2018.

**Figura 2:** Estudantes em frente ao mapa do Distrito Federal situado na praça em frente à Igrejainha



Foto: Cristina Patriota de Moura, 2018.

A fotografia da figura 1, feita em um dia chuvoso de novembro de 2018, mostra a Igrejainha Nossa Senhora de Fátima tal qual vislumbrada a partir do automóvel que a autora dirigia no relato do início deste capítulo. Primeira igreja construída no Plano Piloto, situada entre as superquadras 307 e 308 sul, a chamada “Igrejinha” é adornada externamente com azulejos de Athos Bulcão e é um dos cartões postais da cidade. A Igrejainha já foi palco de diversas querelas acerca de seu valor patrimonial, principalmente no que tange a controvérsias envolvendo as pinturas em seu interior (VASCONCELOS, 2013). Também é ao redor da igreja que se organiza o maior evento anual da “vizinhança”, a trézena de Nossa Senhora de Fátima, “quermesse” realizada todos os anos entre 1 e 13 de maio e que reúne diferentes gerações de moradores das superquadras, além de atrair frequentadores de todo o Distrito Federal (KORNJEZUK, 2010). Os estudantes da escola com quem conversamos, no entanto, não sabiam sequer da existência da festa, que se realizava sempre após o horário escolar, a partir das 18 horas, quando os alunos já estavam a caminho de suas residências, localizadas a dezenas de quilômetros de distância.

Na segunda fotografia (figura 2), vislumbramos meninos e meninas mostrando as rotas percorridas diariamente entre suas residências e a escola. Esse painel foi alvo de grande interesse dos estudantes, que aqui viram as costas para a igreja, em relação à qual não demonstraram muito interesse, apesar da insistência das professoras em inculcar nos alunos o valor artístico e cultural da obra arquitetônica tombada e seus autores: o arquiteto Oscar Niemeyer e o artista plástico Athos Bulcão.

Na imagem seguinte (figura 3), vemos a banca de jornais dentro da “quadra modelo”, com uma representação aérea de si mesma pintada na parede lateral externa. A fotografia em tamanho real na porta aberta é do urbanista Lucio Costa.

**Figura 3:** “Banca da Conceição”, no interior da SQS 308, a “quadra-modelo”



Foto: Cristina Patriota de Moura, 2018.

A parede pintada do quiosque, de propriedade de conhecida jornalista em Brasília, mostra a “quadra modelo” 308 sul no quadrado azul mais claro, com os prédios de apartamentos alongados em cinza e branco. A praça onde fica a igreja é pintada na parte inferior direita da foto, em frente às pernas de Lucio Costa, cuja foto está colada no interior da porta aberta. Os edifícios na área azul mais escura da imagem

representam prédios comerciais que foram projetados para atender às necessidades diárias dos moradores.

As professoras insistiam em que as crianças prestassem atenção à igreja e ao projeto dos edifícios residenciais, bem como aos espaços abertos dentro da 308 sul. Repetiam os nomes de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Athos Bulcão e Burle Marx.<sup>5</sup> Envidavam muitos esforços para ensinar as crianças a entender a representação em escala (quantitativa) da 308 sul, para que pudessem mais tarde construir uma maquete que se parecesse ao máximo com a pintura na parede da banca de jornais. Os meninos e as meninas, no entanto, investiam muito mais energia e tempo em tirar fotos com “o cara da foto grande, que tinha um grande bigode”, ou seja, Lucio Costa. Oscar Niemeyer, o arquiteto que projetou a maioria dos monumentos de Brasília e a igreja vizinha, também estava bem em frente à banca de jornal, no meio da superquadra, segurando uma câmera fotográfica, como mostra a figura a seguir, que também inclui Vinicius Januzzi e Carolina Castor, ambos participantes da equipe de pesquisa.

**Figura 4:** Imagem de Oscar Niemeyer em frente à banca da 308 sul, com membros da equipe de pesquisa



Foto: Cristina Patriota de Moura, 2018.

<sup>5</sup> Athos Bulcão, artista plástico, responsável pelos azulejos de cerâmica nas paredes da igreja, e Burle Marx, paisagista, que projetou os jardins e paisagem dentro e em torno dessa superquadra.

O mapa do Distrito Federal, na figura 2, mostra o quadrilátero que foi destacado no estado de Goiás para servir de território no qual seria construída a capital modernista no centro do Brasil. O mapa está colocado em uma placa elevada na área aberta da igreja, junto com outros cartazes que explicam o conceito de “superquadra” e de “unidade de vizinhança”, além de um pouco da história do prédio da igreja, sendo ponto de visitação frequente em roteiros turísticos da capital. As crianças se interessaram muito pelo mapa, mas não porque pudessem ter uma visão totalizante da região metropolitana de Brasília. Meninos e meninas apontavam os lugares de onde vinham todos os dias em viagens de ônibus, metrô e carro, a maioria das quais durava mais de uma hora. Eles e elas encontravam o lugar em que viviam e traçavam as estradas, ruas e pistas que os levavam para chegar à escola todos os dias, ou apenas tentavam encontrar o local onde residiam, às vezes fora das fronteiras do Distrito Federal, no estado de Goiás, como Valparaíso, mostrado por uma das garotas na próxima foto.

**Figura 5:** Menina apontando sua cidade: Valparaíso, GO



Foto: Cristina Patriota de Moura, 2018.

A distância mostrada ao longo das linhas, que representam estradas no mapa, e o tempo narrado em suas contas de viagens diárias eram as métricas relevantes que circulavam entre os estudantes, não o tamanho e a proporção das escalas acionadas pelos saberes envolvidos na produção da representação cartográfica, também necessários à boa execução do projeto de construir maquetes e edificações “reais”.

Tais métricas “planas” e sequenciais, acionadas pelos meninos e meninas, nos remeteram à diferenciação proposta por Michel de Certeau entre estratégias e táticas mediadas pela noção de trajetória. Ao propor um olhar para as práticas cotidianas, o autor relaciona a “estratégia” ao lugar “próprio”, passível de fixação, circunscrição e dominação. Em suas palavras, “a estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* a ser a base de onde se podem gerir as relações com uma *exterioridade* de alvos ou ameaças.” (CERTEAU, 1994, p. 99, grifos nossos). Já a tática, sendo a “arte do fraco”, não teria a “possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance.” (CERTEAU, 1994, p. 100). A partir das observações e diálogos com estudantes e outros membros da vizinhança e comunidade escolar, percebemos não somente que os meninos e meninas operam em nível tático “com” os objetivos pedagógicos de ensinar o valor do lugar próprio do patrimônio, mas pudemos também formular a hipótese de que, no nível da dinâmica da vida cotidiana, esses mesmos estudantes, oriundos de ambientes externos à Unidade de Vizinhança nº 1, possam às vezes ser situados na exterioridade e identificados como alvos ou ameaças à posição social e tranquilidade desejada pelos moradores de classe média dos apartamentos das superquadras. Essa exterioridade, expressa nas sutilezas dos percursos cotidianos, pode ser produtora de repulsas, do ponto de vista dos estudantes, reiteradas nas negações à atenção requisitada pelas professoras.

A intenção pedagógica era ensinar a importância de “pertencer” a um patrimônio mundial e fazê-los enxergar, em escala reduzida, o aspecto totalizante da quadra modelo, mas os estudantes, como depois

percebemos, não necessariamente aspiravam pertencer à unidade de vizinhança. Isso não significa que tivessem dificuldades cognitivas para apreender as noções de escala que saturavam o ambiente pedagógico proporcionado pelo conjunto urbanístico constituído como “modelo” ou pela intenção da oficina de produzir mais um modelo – a maquete – da “quadra modelo” autocultuada nas placas fincadas nas calçadas e gramados e na parede da banca de jornais.

Para além do espaço “próprio” (CERTEAU, 1994) da Unidade de Vizinhança, os alunos tinham uma paisagem mais ampla e mais aberta em mente, concebida por meio de um “dimensionamento” mais linear e plano (LATOURE, 2005; 2009) tornado possível por linhas e minutos. Pudemos constatar essa diferença, por exemplo, quando, no segundo semestre, levamos a turma de outra oficina, em grande parte composta pelos mesmos meninos e meninas, à estação de metrô próxima à escola. Ao desenhar suas rotas para a escola, os estudantes não estavam muito interessados em incluir grande número de detalhes do que viam no caminho. Quando o grupo foi levado à estação de metrô para conversar e desenhar as maneiras de ir de casa à escola, uma menina decidiu que poderia traçar seu caminho, mas precisaria de várias folhas de papel para isso, já que era um longo percurso o que percorria diariamente. Outros estudantes seguiram sua ideia e pareceram bastante envolvidos na atividade.

Apesar de não mostrarem muito interesse em reconstruir a unidade de vizinhança e a superquadra, os estudantes ficaram atraídos pela grande maquete que os levamos a visitar no Espaço Lucio Costa, localizado no subsolo da Praça dos Três Poderes (figura 6). Meninas e meninos gostaram da vista panorâmica, embora logo descobrissem que a maquete não trazia muitos lugares que eles conheciam – os locais em que muitos moravam estavam ausentes do modelo, mesmo quando situados dentro da área de abrangência da escala da maquete. Mais uma vez, eles apreciaram as fotos em tamanho real dos arquitetos, que não eram muito mais altos do que eles mesmos (figura 7).

**Figura 6:** Maquete no Espaço Lucio Costa, sob a Praça dos Três Poderes



Foto: Cristina Patriota de Moura, 2018.

**Figura 7:** Estudante posando para fotografia a ser feita por outra estudante, ao lado da imagem de Lucio Costa



Foto: Cristina Patriota de Moura, 2018.

Alguns de nós colaboraram com a construção dos blocos em papelão (figura 8) que seriam parte do projeto final proposto pelas professoras de Artes e Letramento, devidamente explicado e calculado, como mostra o desenho feito no quadro da sala de aula (figura 9). Nosso



treinamento antropológico, no entanto, não nos proporcionou as habilidades manuais necessárias à boa execução da atividade.

**Figura 8:** Confeção colaborativa dos blocos para a maquete



Foto: Carolina Castor, 2018.

**Figura 9:** Cálculo em escala de bloco residencial da quadra modelo

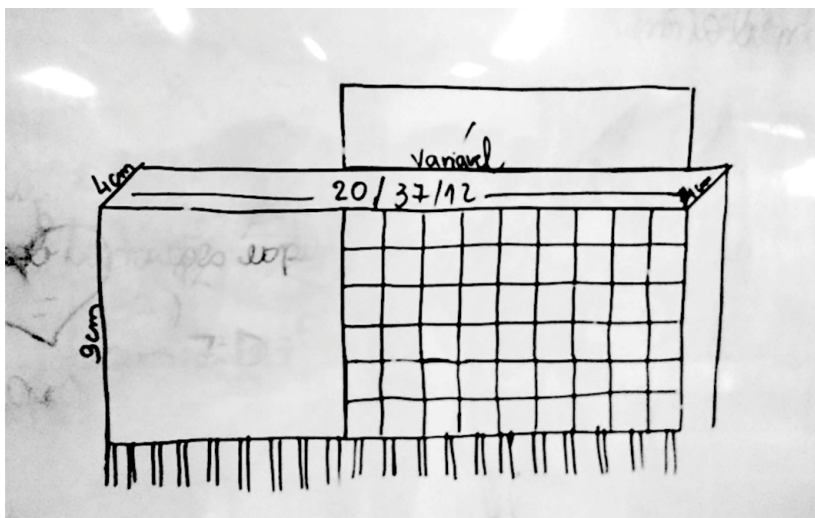


Foto: Carolina Castor, 2018.

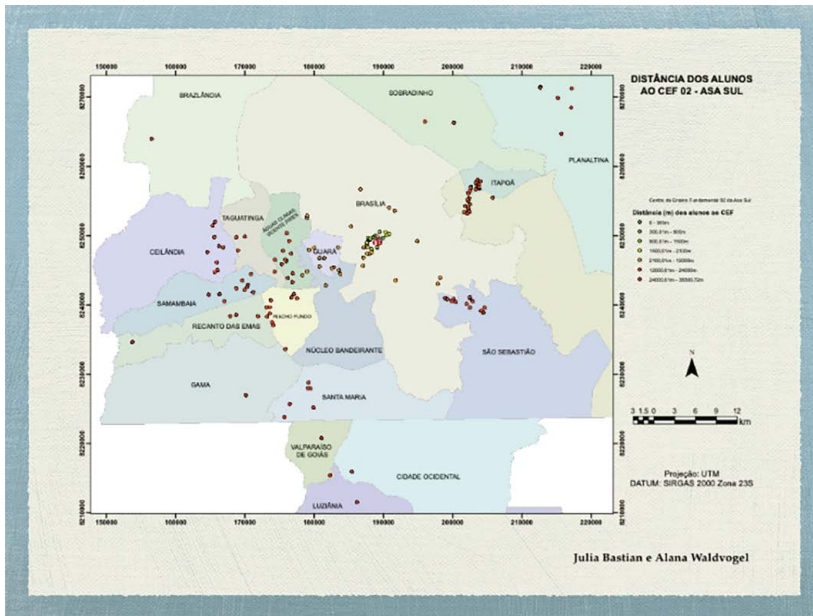
No final do semestre, embora os alunos tenham produzido alguns prédios e planejado montar a maquete da quadra modelo, tivemos uma desagradável surpresa. Todo o material que os alunos e professoras produziram desapareceu, em um final de semana, de uma pequena sala de armazenamento no prédio da escola. Talvez alguém as tivesse confundido com pedaços de papelão sem utilidade. As professoras ficaram desapontadas, embora as próprias crianças não parecessem se importar tanto. A totalização da maquete não foi concluída, ainda que os estudantes tenham dito que gostaram muito de passear pelo bairro, visitar os monumentos e andar pela universidade conosco.

Como equipe de pesquisa, nossa própria tentativa de construir um quadro totalizante foi traduzida em um mapa feito por parceiras da equipe da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, Elane Peixoto e Heloisa Beatriz Dourado, que localizaram os códigos de endereçamento postal (CEPs) coletados por Vinicius Januzzi junto à secretaria da escola em mapa que mostra a distribuição das residências estudantis em relação à escola. Esse mapa gerou muito interesse por parte dos gestores da escola e confirmou a opinião de que era muito difícil lidar com uma comunidade escolar tão dispersa. O mapa também permitia visualizar o contraste com a escola na qual outras participantes da equipe de pesquisa realizavam atividades semelhantes, em Ceilândia, Região Administrativa de maioria negra e de baixa renda, com a maior densidade populacional do Distrito Federal. A escola em Ceilândia, embora situada em um bairro muito mais pobre e com menos recursos, possuía uma rede de conexões mais densas e intensas, que incluía professores, pais, vizinhos e estudantes, com laços afetivos importantes em relação à área circundante e um senso de história compartilhada, situação social e projeto de futuro<sup>6</sup>, como descrito por Elane Peixoto e Julia Mazutti em seu capítulo neste livro.

---

<sup>6</sup> Ver Zuccarelli e Cid (2010) para uma discussão sobre redes locais e decisões acerca da localização de uma escola no Rio de Janeiro.

**Figura 10:** Localização residencial de estudantes do CEF 02



Fonte: Elaborado por Elane Peixoto e Heloisa Beatriz Dourado, 2018.

Apesar da frustração diante da impossibilidade de reunir os edifícios dos alunos em uma composição totalizante que representasse a quadra modelo, nossa experiência na oficina foi enriquecedora na medida em que fomos capazes de aprender sobre as extensões e os limites da experiência urbana vivenciada por pessoas que percorrem e ocupam, cotidianamente, espaços destinados a configurar totalidades integradas, mas que só ganham existência corpórea mediante a circulação de vidas tecidas a partir de fragmentos desiguais. Os “fragmentos de totalização” (LATOUR, 2009) que conseguimos reunir a partir das circulações proporcionadas pelas atividades da oficina são marcados por processos urbanos compostos de vários elementos de precariedade em habitação, transporte, trabalho e educação, os quais exigem habilidades extremamente complexas para serem traduzidos em projetos de “pertencimento” a espaços classificados (de classe média alta) e a posições de estabilidade social dadas por acesso, por exemplo, a empregos na administração pública em nível nacional (PATRIOTA DE MOURA; JANUZZI, 2019).

Ao longo do primeiro semestre de 2018, a equipe de pesquisa, em conjunto com as professoras da oficina, tentou proporcionar aos alunos experiências urbanas significativas em nossos movimentos através de espaços para além da vida cotidiana dos membros adultos de suas famílias, cujo trabalho serve diariamente à cidade, a despeito das grandes dificuldades em usufruírem dos serviços de que necessitam para construir um sentido mais completo de “pertencimento” a Brasília. A escola em tempo integral, cercada de grades e com poucos espaços além das salas de aula, muitas vezes percebida como prisão pelas crianças, não está alinhada com a integração da vida estudantil às “funções urbanas” desempenhadas pelos moradores da superquadra em que a escola está localizada. Os estudantes estão separados do restante da superquadra por cercas de segurança de onde eles podem ver os edifícios, árvores e gramados que compõem a paisagem dos “ricos”, como disseram os meninos e as meninas com quem interagimos. Os relacionamentos que conseguimos estabelecer nos permitiram perceber alguns dos dilemas que essas meninas e meninos enfrentam, e também lhes propiciaram algum acesso a novas possibilidades, como a chegada à “liberdade” da universidade na última viagem de campo do semestre. Os amplos espaços abertos do campus universitário Darcy Ribeiro e a oferta de lanches nas entradas do Instituto Central de Ciências (ICC) provocaram expressões de grande alegria nos meninos e meninas.

Para o segundo semestre, tivemos a oportunidade de colaborar com a professora de Artes na formulação da proposta de oficina. Como nós, antropólogos, pretendíamos aprender com a percepção dos estudantes sobre o espaço urbano, propusemos uma oficina na qual esperávamos que os alunos desenvolvessem suas habilidades narrando seus cotidianos e projetos para o futuro, contando-nos também sobre suas casas, rotas diárias e percepções da paisagem urbana. A segunda oficina contou com menos alunos, a maioria dos quais já havia participado da oficina no primeiro semestre. A razão que a maior parte deles nos deu para continuar conosco era de que gostavam das viagens de campo, e os novos participantes tinham ouvido de amigos que eles poderiam sair da escola com mais frequência. Nós nos revezamos na participação

nas atividades da oficina nas tardes de segunda-feira e mantivemos um arquivo *on-line* com notas de campo colaborativas.

As atividades da segunda oficina consistiram principalmente em caminhar com o grupo pela unidade de vizinhança, incluindo o clube de esportes e lazer, um centro cultural com exposições de arte, uma apresentação de orquestra no cinema próximo (Cine Brasília), uma sessão de desenho no chão da estação de metrô das redondezas e uma atividade com imagens aéreas fornecidas por um *drone* trazido por um professor do Departamento de Arquitetura da UnB. Na sala de aula, começamos o semestre mostrando fotos da cidade e de nossas viagens de campo do período anterior e depois pedimos aos alunos que inventassem histórias com essas fotos.

Eles não estavam muito interessados em contar histórias e se mostraram especialmente avessos a escrever. Ao longo dos meses, também produziram desenhos de suas casas, rotas para a escola, o prédio da escola e a superquadra circundante. No entanto, os desenhos de suas casas foram feitos com relutância e com muitos poucos detalhes e, em mais de um caso, tivemos a forte impressão de que o desenho era completamente fictício. A maioria dos meninos e meninas tinha *smartphones* e se voltavam para eles sempre que podiam, ouvindo música ou tirando *selfies* e fotos uns dos outros. Quando lhes pedimos que tirassem fotos do que viram no caminho para a escola, recebemos apenas uma ou duas fotos de árvores.

Em vez de narrativas elaboradas, ouvimos muitos comentários, breves descrições, reclamações e desculpas. A maioria dessas falas era sobre como suas rotas eram longas e cansativas, como seus locais de moradia eram perigosos, feios e desinteressantes, e como eles realmente não se importavam com a superquadra ou os locais de patrimônio porque eles “não eram daqui.” Quando solicitados a desenhar ou dizer algo sobre os apartamentos que cercam a escola, eles frequentemente respondiam com comentários sobre como essas pessoas são “ricas” e como eles mesmos são “pobres”. Ricos e pobres eram as palavras mais comuns, que apareciam o tempo todo, como quando viram meu iPhone e disseram que eu era rica, mas também me avisaram para ter

cuidado para não ser assaltada enquanto caminhava pelo campus da universidade com o celular no bolso de trás da calça, mesmo que eles estivessem andando atrás de mim. Alguns, na verdade, diziam que não tirariam fotos ao longo do caminho para a escola porque precisavam tomar cuidado para não mostrar seus telefones em público.

A alimentação era também um assunto muito comum. Costumavam dizer que estavam com fome e comentavam como a comida vendida nos comércios próximos à escola estava fora de cogitação porque não tinham dinheiro para comprar os lanches disponíveis, como pizzas, cachorros-quentes ou sorvetes. Alguns compravam doces ou pequenos lanches regularmente de vendedores ambulantes informais no ponto de ônibus e na entrada da estação de metrô.

Nosso objetivo era que eles narrassem com detalhes vívidos e documentassem o que viam a caminho da escola todos os dias, com atenção especial aos contrastes entre o lugar em que moravam e a unidade de vizinhança “modelo” no Plano Piloto. Mas, na maior parte do tempo, pareciam indiferentes ao ambiente urbano, como a caracterização de Simmel da atitude “blasé” nos moradores das grandes cidades europeias ao final do século XIX (SIMMEL, 2005). No entanto, ao longo do ano, nos surpreendemos em algumas ocasiões.

Com base nos comentários dos alunos na escola, pensávamos que suas viagens diárias fossem extenuantes e vividas como grande sacrifício. Meninas e meninos nos diziam que acordavam muito cedo e levavam muito tempo para chegar à casa, às vezes mais de uma hora. No entanto, ao observar o movimento de estudantes pela superquadra ao final da tarde, o que se via eram conversas animadas, música saindo dos celulares, corridas pela grama e pelas calçadas, sob os prédios de superquadras, meninas deslizando pela lateral da escada até o metrô e fazendo piruetas ao longo da estação. Os corpos das meninas e meninos e a atitude geral estavam muito longe das disposições esgotadas, entorpecidas e desinteressadas que testemunhamos dentro do ambiente escolar. Também pudemos observar que os movimentos e sons das crianças ao redor dos jardins, prédios e áreas comerciais do bairro eram

frequentemente menosprezados e comentados como perturbações do silêncio pacífico valorizado pelos moradores.

Como já descrito, as professoras sempre se empenharam muito em atrair o interesse dos estudantes para o valor estético do conjunto urbanístico em torno de sua escola, para que aprendessem a valorizar e proteger o patrimônio e desenvolvessem seu senso de pertencimento cultural à capital modernista. As crianças davam muito pouca atenção a isso e esforçavam-se por comunicar seu tédio da maneira mais explícita possível, por meio de comentários e postura corporal, de modo a distanciarem-se em relação ao bairro dos “ricos”, em que tudo parecia igual: “tudo prédio e grama”, costumavam dizer.

Uma outra situação surpreendente para a pesquisa se deu quando, em um de nossos encontros, decidimos trazer fotos do Google Earth de casas situadas em outras Regiões Administrativas do Distrito Federal e ver que tipo de comentários elas produziriam. A equipe teve dificuldade em escolher as imagens, principalmente porque achamos que as casas tinham muito poucas características distintivas e provavelmente não produziriam muitos comentários. Esperávamos que eles dissessem que as casas eram todas “pobres” e “feias”, o que é principalmente o que afirmaram quando solicitados a descrever e desenhar suas próprias casas.

Transcrevemos a seguir alguns trechos das anotações de campo de Joyce Neves da Silva sobre esse encontro da oficina:

Nesta segunda-feira, não iríamos dar uma volta pela superquadra como em muitos outros dias. A atividade seria realizada em sala de aula e isso já era motivo de preocupação para nós, porque a atividade em sala costumava chamar menos a atenção dos alunos do que aquelas realizadas ao ar livre. Mas, à medida que avançávamos na atividade, houve um forte envolvimento dos alunos com o exercício. A sala estava cheia e explicar a atividade foi muito difícil no início porque, enquanto apresentávamos as fotos, eles já haviam começado a participar com entusiasmo. (3 set. 2018).

Uma das primeiras imagens que mostramos foi de uma casa em Samambaia. Uma das alunas respondeu muito rapidamente e acrescentou que sabia onde era aquele

lugar porque morava nessa cidade; ela não disse que tinha visto a casa em si, mas reconheceu a estética da rua e das casas. (...) Todos queriam participar e compartilhar suas experiências pessoais em cada lugar. Naquele dia, eles não se pareciam em nada com os estudantes desencorajados e um pouco “aéreos” que muitas vezes víamos. (3 set. 2018).

## 2.3 Considerações finais

A título de conclusão, sugerimos uma reflexão acerca dos sentidos do patrimônio que pudemos apreender a partir da experiência de acompanhamento das oficinas com esses estudantes do sétimo ano do ensino fundamental. A construção escolar, originalmente concebida para abrigar uma “Escola Classe” que atenderia aos filhos de moradores da superquadra, conserva alterações importantes de uso ao longo do tempo. Os blocos residenciais da superquadra permanecem praticamente inalterados desde sua construção, tendo passado por algumas reformas de fachada. A escola, pensada para abrigar crianças em meio-período, que alternariam suas jornadas entre o espaço da escola-classe e o da escola-parque para completar a jornada integral, hoje abriga meninos e meninas somente de dois anos do segundo ciclo do ensino fundamental – sexto e sétimo anos – durante toda a jornada que ocupa o período entre 7 e 17 horas. Sem refeitório próprio, as refeições são feitas nas próprias salas de aula de um edifício apertado, com grades nas janelas e cercas que delimitam o espaço escolar, rodeado de pequenas áreas cimentadas que contrastam com os amplos gramados e frondosas árvores da escala bucólica que perpassa e contorna a superquadra. Sintomaticamente, a despeito do entorno verdejante, o espaço destinado à presença dos alunos da escola estava separado dos jardins por grades.

As construções escolares, no entanto, são testemunho importante da própria concepção urbanística das superquadras de Brasília, e a vida diurna da superquadra que compõe a Unidade de Vizinhança nº 1 sofreria grande esvaziamento caso não houvesse atividade nesses espaços



que são também componentes vitais da singularidade do Plano Piloto, mesmo com todas as contradições e ironias ao longo das seis décadas de sua história. As escolas e seus alunos conferem vida a um lugar que, para poder ser apropriado como patrimônio, precisa estar vivo com usos e ocupações cotidianas.

A partir das relevâncias que pudemos perceber na interação com professoras e estudantes e da observação das atividades desenvolvidas nas oficinas realizadas ao longo de 2018, pudemos constatar que há grande resistência por parte de estudantes em “se apropriar” dos valores atribuídos ao conjunto arquitetônico no qual sua escola está inserida, fato que dificulta o “pertencimento” almejado pelas professoras. Argumentamos, no entanto, que essa resistência não se deve a incapacidades cognitivas, didáticas ou mesmo disciplinares por parte de docentes, discentes ou administradores.

Por um lado, casas, pessoas e experiências cotidianas de mobilidade corporal parecem fazer aflorar atenções de maneira bastante significativa. No caso da atividade em que mostramos fotografias de casas em diferentes regiões administrativas da periferia do DF, diversos estudantes se mostraram capazes de acionar argumentos detalhistas, como alturas de calçadas, posicionamentos de postes de iluminação, minúcias de pichações em muros, alturas de grades e revestimentos de calçadas para demonstrar que reconheciam os lugares onde essas casas estariam situadas. Tais conhecimentos minuciosos, por sua vez, eram sustentados por argumentações que acionavam suas redes de relações, com frases do tipo “eu sei porque minha avó mora perto dessa casa e já vi essa pichação.”

Por outro lado, ao andar pela unidade de vizinhança, as crianças *passam* pelo espaço, habitando-o (INGOLD, 2011) com os movimentos pelos pilotis dos blocos, corridas até os pontos de ônibus e conversas nos gramados nos horários de entrada e saída da escola. Esses movimentos produzem saberes corpóreos na experiência dos espaços que não se traduzem necessariamente em conhecimentos totalizantes em nível estratégico, como seriam as escalas concêntricas representadas por gráficos, maquetes ou mapas da região.

Atualmente, são poucas as crianças e adolescentes moradoras da superquadra que podem ser vistas ao longo do dia, durante a semana, caminhando pela quadra ou interagindo debaixo dos blocos. Para além do envelhecimento da população da Asa Sul de forma geral, o que acarreta a existência de menor número de crianças moradoras do que outrora, aquelas que moram nos apartamentos são, com raríssimas exceções, transportadas em veículos particulares para espaços circunscritos por muros e cercas onde frequentam atividades programadas de estudo e recreação: escolas particulares, cursos de línguas, academias e clubes esportivos estão repletos de jovens moradores do Plano Piloto que pouco caminham pelos espaços públicos das superquadras em que moram.

É possível dizer que, ao final da segunda década do século XXI, meninos e meninas, estudantes das escolas situadas nas superquadras, habitam os espaços públicos da Unidade de Vizinhança nº 1 de Brasília mais do que os próprios moradores das quadras. Esses habitantes diurnos provocam comentários críticos por parte de moradores e trabalhadores dos comércios que tangenciam as superquadras e, ao tempo em que perfazem o movimento cotidiano no espaço, não são considerados “do lugar”, no sentido do “próprio” apontado por Michel de Certeau. Diversas vezes, quando indagados acerca da quadra modelo, de como imaginavam ser os interiores dos apartamentos dos blocos ao redor da escola e de suas opiniões acerca das construções e paisagens do Plano Piloto, ouvíamos comentários como: “sei lá, é tudo prédio e grama” ou “eu não sou daqui não”, denotando atitudes de indiferença análogas à da atitude blasé descrita por Simmel. Mas, como já apontava o sociólogo alemão há mais de um século, a aparente indiferença muitas vezes faz o papel de camada protetora, possivelmente inibindo conflitos abertos e permitindo a convivência de diferenças.

A heterogeneidade de categorias sociais, apontada pelos seguidores de Simmel como característica inerente às grandes cidades, permite que situemos a unidade de vizinhança em sua centralidade relativa à metrópole na qual se transformou a capital do Brasil. Os estudantes das escolas do Plano Piloto, que percorrem dezenas de quilômetros diariamente, durante períodos que chegam a mais de três horas de deslocamento, articulam dimensões fundamentais tanto da metrópole quanto da

vizinhança, que sem esse movimento cotidiano se tornaria um conjunto de apartamentos pouco diferente dos condomínios fechados de moradia das camadas médias em outras cidades do Brasil e do mundo. Assim, a singularidade da Unidade de Vizinhança nº 1 também se perpetua por meio das escolas que se mantêm vivas na articulação de diferentes escalas qualitativas e quantitativas, ainda que com suas “comunidades escolares” fragmentadas e dispersas e com crescente segregação entre aqueles que passam a maior parte do dia na superquadra e aqueles que têm direito de chamar a quadra de “sua” e representar projeções de totalidades abarcáveis pelo próprio conceito de patrimônio.

## Referências

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: Researcher as subject. In: DENZIN, Norma; LINCOLN, Yvonna (ed.). *The handbook of qualitative research*. Newbury Park: Sage, 2000. p. 733-768.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

INGOLD, Tim. *Being Alive: Essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge, 2011.

KORNJEZUK, Natalia Peres. *A Festa da Igrejinha da 308 sul: vivências, conflitos, representações*. 2010. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

LATOUR, Bruno; HERMANT, Emilie. *Paris, Ville Invisible*. 1998. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/virtual/index.html>. Acesso em: 14 jun. 2019.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LATOURE, Bruno. Paris, Cidade Invisível: O Plasma. *Ponto Urbe*, São Paulo, v. 5, 31 dez. 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1632>. Acesso em: 30 jul. 2019.


PATRIOTA DE MOURA, Cristina. Condomínios e *Gated Communities*: por uma antropologia das novas composições urbanas. *Anuário Antropológico 2012/II*, Brasília, p. 209-233, 2010.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina; JANUZZI, Vinicius Prado. Brasília classificada: novos espaços de classe média na capital federal. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 113-134, abr. 2019.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito* (1903). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>. Acesso em: 27 jun. 2020.

VASCONCELOS, Larissa Fernandes Lins de. *Patrimonialização na Unidade de Vizinhança nº 1*. 2013. 89 f., il. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ZUCCARELLI, Carolina; CID, Gabriel. Oportunidades educacionais e escolhas familiares no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Luiz C. de Q. et al. (org.). *Desigualdades Urbanas, Desigualdades Escolares*. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ, 2010, p. 249-276.




# Sobre as autoras e os autores

## Alana Silva Waldvogel

<http://lattes.cnpq.br/0494728158202903> – Arquiteta pela Universidade de Brasília (FAU-UnB). Atualmente é mestranda em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo, também pela UnB (PPG-FAU). Desde 2016 desenvolve pesquisas sobre a Morfologia Urbana de Ceilândia, tendo obtido Menção Honrosa por trabalho de iniciação científica sobre o crescimento dessa cidade. *E-mail:* [alana\\_waldvogel@hotmail.com](mailto:alana_waldvogel@hotmail.com)

## Alexandre Jackson Chan Vianna

<http://lattes.cnpq.br/9276311740295002> – Professor Adjunto IV da Faculdade de Educação Física da UnB, membro do grupo de pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq). Atua na área de Educação Física. Realiza pesquisas na linha dos Estudos Sociais e Pedagógicos da Educação Física e do Esporte, com interesse em trajetórias escolares e esportivas, formação e identidades. *E-mail:* [chanvianna@unb.br](mailto:chanvianna@unb.br)



### Cristina Patriota de Moura

<http://lattes.cnpq.br/0712338026370509> – Professora Associada II do Departamento de Antropologia da UnB, líder do grupo de pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq) e membro do Laviver (Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas). Atua na área de Antropologia Urbana e realiza pesquisas em Brasília e Pequim (China), com foco em vivências no espaço público urbano e trajetórias escolares com desdobramentos transnacionais. *E-mail*: cpatriota@unb.br

### Elane Ribeiro Peixoto

<http://lattes.cnpq.br/1796841203235489> – Professora Associada I da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB, vice-líder do grupo de pesquisa Cidades Possíveis (CNPq) e membro do Labeurbe (Laboratório de Estudos da Urbe), da UnB. Suas pesquisas concentram-se em temas relacionados à Cidade Contemporânea, envolvendo sua arquitetura, urbanismo e patrimônio. Membro do coletivo Ninhos, atua em projetos de extensão em escolas de ensino fundamental, com o propósito de incluir Brasília, sua história e seus desafios atuais na formação dos estudantes. *E-mail*: elane@unb.br

### Julia Mazutti Bastian Solé

<http://lattes.cnpq.br/1128739135662402> – Mestranda em Patrimônio e Preservação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU) da Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB (FAU-UnB). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa Museologia e Interdisciplinaridade (Geminter). Colaboradora da Rede de Educadores em Museus de Goiás (REM-Goiás), gestão 2018-2019. cursou o primeiro ano de Mestrado em História da Arquitetura na Escola de Arquitetura e Paisagem de Lille, no período 2015-2016. Palestrante no TEDx Brasília 016. Pesquisadora, curadora e projetista nas áreas de arquitetura, patrimônio e memória, expografia, curadoria e história da arte. *E-mail*: julia.mazzuttimbs@gmail.com

### Maria Fernanda Derntl

<http://lattes.cnpq.br/5654879697444080> – Professora Associada do Departamento de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Universidade Brasília (FAU-UnB). Orientadora nos programas de pós-graduação da FAU e do Departamento de História da UnB. Bolsista produtividade nível 2 do CNPq. Membro do Labeurbe (Laboratório de Estudos da Urbe), da UnB, e do grupo de pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq). É autora do livro *Método e Arte: urbanização e formação de territórios na capitania de São Paulo, 1765-1811* (Alameda/Fapesp, 2013). Desenvolve pesquisas na área de História da Cidade, do Urbanismo e da Urbanização, com ênfase atual em Brasília e suas cidades-satélites. *E-mail:* fernandafau@unb.br

### Vinicius Prado Januzzi

<http://lattes.cnpq.br/9429679094567153> – Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2013). Atualmente é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela mesma universidade. Trabalha com antropologia urbana, expansão urbana e camadas médias em Brasília. Desde 2019, é antropólogo na Superintendência do Iphan no Distrito Federal. *E-mail:* vpjanuzzi@gmail.com







Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# Cotidianos, escolas e patrimônio

## Percepções antropourbanísticas da capital do Brasil

O livro *Cotidianos, Escolas e Patrimônio: percepções antropourbanísticas da capital do Brasil* apresenta os resultados da pesquisa “Cotidianos escolares e dinâmicas metropolitanas na capital do Brasil”, fruto da colaboração entre dois laboratórios de pesquisa da Universidade de Brasília (UnB): o Laboratório de Estudos da Urbe (Labeurbe-PPG-FAU) e o Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas: Direitos, Políticas e Estilos de Vida (Laviver-PPGAS-DAN).

A obra reúne capítulos de autoria de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento sobre as relações entre espaços escolares, trajetórias cotidianas e a constituição do patrimônio na capital federal. O patrimônio é tratado como categoria polissêmica, mobilizada por pessoas em contato umas com as outras e com a cidade que produzem, vivem e significam.

Os textos dialogam com diferentes perspectivas para refletir acerca do modo como experiências da capital/metrópole são significadas por seus habitantes, e como a escola, com forte presença na vida urbana, repercute na percepção e na vivência do patrimônio cultural. O material de pesquisa de campo é proveniente de atividades realizadas em colaboração com dois Centros de Ensino Fundamental, um em Ceilândia e outro no Plano Piloto. O conjunto das análises abarcou percepções em diálogo com membros das comunidades escolares, permitindo entrever dinâmicas metropolitanas de forma original, com abordagens ainda pouco exploradas nos estudos disponíveis.

### Foto ao fundo:

Pilares do  
Instituto de  
Biologia/UnB.  
Por Beatriz Ferraz.



EDITORA



UnB

ISBN 978-65-5846-010-7



9 786558 460107